

FEIRA LIVRE E PRÁTICA PEDAGÓGICA INTERDISCIPLINAR EM ESCOLA RIBEIRINHA

Cristiano Corrêa Pantoja¹

Carlos Aldemir Farias da Silva²

RESUMO

As feiras livres são muito mais do que simples locais de comércio. São ambientes de sociabilidade, circulação de saberes e produção de conhecimentos não formais, marcados pela transmissão intergeracional de práticas profissionais. Este estudo apresenta uma investigação realizada na feira livre de São Sebastião da Boa Vista, na Ilha de Marajó, Pará. A pesquisa faz parte do mestrado concluído em Educação em Ciências, na Universidade Federal do Pará. O objetivo foi analisar as práticas de três feirantes e o contexto sociocultural da feira, para identificar elementos que dialoguem com os conteúdos escolares, especialmente de Ciências, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em escola ribeirinha, numa perspectiva interdisciplinar. O trabalho adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada na compreensão dos significados atribuídos pelos feirantes às suas práticas cotidianas. A coleta de dados foi realizada por meio de observações *in loco*, registros fotográficos e entrevistas semiestruturadas gravadas em áudio. Participaram três feirantes com mais de 20 anos de experiência na atividade. Como resultados, inferimos que a feira livre se configura como espaço de produção e circulação de saberes sociais, culturais e práticos, evidenciando potencial para aprendizagens interdisciplinares. Concluímos que o reconhecimento desses saberes amplia as possibilidades de articulação entre conhecimentos da experiência e conteúdos escolares, fortalecendo propostas pedagógicas contextualizadas e socialmente responsáveis.

Palavras-chave: Feira livre; Saberes de feirantes; Práticas pedagógicas interdisciplinares.

¹ Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará. Professor da Educação Básica do município de São Sebastião da Boa Vista, Ilha de Marajó, Pará. E-mail: cristiano25portel@gmail.com

² Professor da Universidade Federal do Pará, onde atua como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas. Doutor em Ciências Sociais (Antropologia) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: carlosfarias1@gmail.com

INTRODUÇÃO

As feiras livres são espaços de produções econômicas e relações de trabalho. Historicamente, elas existem em todas as cidades do Brasil. O estudo em questão adentra nesse universo das diversas manifestações histórico-culturais que confluem com as relações sociais, econômicas e socioculturais dos feirantes. Os homens e mulheres que trabalham nos espaços urbanos, com seus diferentes produtos, participam das dinâmicas urbanas, utilizando-se do mercado como um espaço de trocas e sociabilidades (Vedana, 2013). As feiras extrapolam a função estritamente comercial, configurando-se como espaços de sociabilidade, circulação de saberes e produção de conhecimentos não formais, marcados pela transmissão intergeracional de práticas profissionais. Nesse contexto, reconhece-se a relevância desses ambientes como potenciais territórios educativos, especialmente quando considerados sob a perspectiva da articulação entre saberes da experiência e conhecimentos escolares. Tal compreensão torna-se ainda mais significativa em áreas ribeirinhas, nas quais a escola dialoga diretamente com práticas socioculturais enraizadas no cotidiano da comunidade.

Ao abordarmos o contexto educacional, as feiras livres evidenciam múltiplos elementos passíveis de exploração pedagógica sob uma perspectiva interdisciplinar. Aspectos como os produtos comercializados, a organização dos espaços de venda, as práticas de comunicação oral, as relações estabelecidas entre feirantes e fregueses, bem como os saberes mobilizados nas negociações, configuram-se como potenciais objetos de investigação e aprendizagem. Tais dimensões revelam possibilidades concretas de aproximação entre o cotidiano comunitário e os conteúdos escolares.

Nesse sentido, a inserção desses elementos no planejamento docente amplia as alternativas para complementar o processo de ensino e aprendizagem nos espaços escolares, especialmente quando orientadas por propostas contextualizadas. A interdisciplinaridade, conforme Pombo (2008), permite explorar as conexões existentes entre as disciplinas, reconhecendo que elas não se constituem de forma isolada, mas se articulam de maneira indissociável na compreensão da realidade.

Este estudo insere-se no âmbito do mestrado em Educação em Ciências da Universidade Federal do Pará e apresenta uma investigação realizada na feira livre de São Sebastião da Boa Vista, na Ilha de Marajó, Pará. O objetivo é analisar as práticas de três feirantes e o contexto sociocultural da feira, a fim de identificar elementos que dialoguem com os conteúdos escolares, especialmente de Ciências, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em escola ribeirinha, em uma perspectiva interdisciplinar.

Diante do estudo realizado sobre a feira livre, realizamos uma oficina pedagógica intitulada “A feira livre como tema interdisciplinar nos Anos Iniciais em escola ribeirinha, e refletimos, junto com os professores ribeirinhos, sobre esses conhecimentos e seus desdobramentos em suas práticas pedagógicas, numa perspectiva interdisciplinar.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como de abordagem qualitativa. De acordo com Oliveira (2012, p. 37), a pesquisa qualitativa é compreendida como “[...] um processo de reflexão e análise da realidade por meio da utilização de métodos e técnicas que possibilitam a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou conforme sua estruturação”. Nessa perspectiva, tal abordagem permite interpretar os fenômenos investigados a partir dos significados atribuídos pelos sujeitos, considerando as especificidades do contexto em que estão inseridos.

Para a produção dos dados, foram utilizados registros fotográficos, observações *in loco* e entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio, possibilitando uma compreensão aprofundada das práticas e experiências dos participantes. Integraram o estudo três feirantes, todos com mais de 20 anos de atuação profissional, selecionados com base em sua trajetória e

na participação consolidada na feira livre investigada, o que assegurou a relevância e a consistência das informações registradas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E DISCUSSÕES

Para subsidiar o debate acerca da feira livre em uma perspectiva interdisciplinar, buscamos respaldo em Olga Pombo (2008), acerca da interdisciplinaridade; em Vedana (2013), com as feiras livres; e (Farias; Alves, 2022), focando nas feiras livres no contexto educacional, em especial nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Observamos que a interdisciplinaridade rodeia todo o contexto do ser humano, seja na escola, seja nos meios de comunicação, em encontros diversos e em reuniões em geral. Esta pesquisa discute um aspecto da Educação que merece atenção, ao trazer possibilidades pedagógicas da feira livre. Tomamos por base inicial a feira livre, pautados em uma investigação dos trabalhos dos feirantes, suas atribuições, colaborações, culturas e práticas socioculturais. Levamos esse contexto para a sala de aula em uma perspectiva interdisciplinar, com professores que atuam nos Anos Iniciais. Considerando esse contexto, Farias e Alves (2022, p. 85) advogam que “integrar conhecimentos escolares com base em um tema não é uma ideia nova. Contudo, constitui-se um exercício expressivo para aproximar os alunos da sua realidade sociocultural”.

Diante da pesquisa realizada, consideramos que a feira livre de São Sebastião da Boa Vista corresponde a um espaço marcado pela produção econômica e pelas relações sociais entre pessoas advindas de vários lugares, bairros, vilas, ilhas, estradas e até mesmo de cidades mais próximas, cada uma com suas peculiaridades ribeirinhas.

O trabalho foi dividido em dois momentos, especialmente no que diz respeito à pesquisa de campo. O primeiro foi o estudo realizado com os três feirantes com mais de 20 anos de experiência, selecionados pela trajetória consolidada na feira investigada. O segundo foi a realização de uma oficina pedagógica com professores ribeirinhos, intitulada “A feira livre como tema interdisciplinar nos Anos Iniciais em escola ribeirinha”.

Em setembro de 2024, realizamos três viagens a São Sebastião da Boa Vista, na ilha de Marajó, com o objetivo de explorar os trabalhos, conhecimentos e experiências dos feirantes, além de compreender o ambiente da feira sob uma perspectiva interdisciplinar, a partir da disciplina de Ciências. Essa abordagem nos forneceu elementos suficientes para desenvolver uma oficina pedagógica de quatro dias com os professores ribeirinhos, destacando a importância dos espaços não formais de educação (Gohn, 2006) para um ensino que vai além da sala de aula. Ao entrarmos no espaço da feira, notamos que os feirantes mantinham uma relação de sociabilidade com os fregueses, engajando-se na atividade cotidiana. Sobre essas relações sociais, Vedana (2013, p. 60) afirma: “Penso que essa habilidade de construir relações e promover sociabilidades é uma das características a ser desenvolvida pelo feirante. Por sua vez, em se tratando de uma troca, essa habilidade precisa do outro, do freguês, para ser desenvolvida”. Estamos equipados com todos os documentos que fundamentaram nossa pesquisa, incluindo os termos de Consentimentos Livres e Esclarecidos, roteiros de entrevistas semiestruturadas e gravações de áudio, que nos permitiram iniciar uma observação detalhada *in loco*.

Os participantes da pesquisa nos ofereceram todas as informações essenciais, permitindo que conhecêssemos o vasto universo de saberes e experiências acumuladas ao longo de várias décadas no contexto da feira. A nossa primeira entrevista aconteceu em pleno domingo, com a senhora Dinair de Sena Paixão, camaroeira. Além de atuar na venda de camarão, comercializa ainda outros produtos, em menor escala, como é o caso do açaí *in natura* e do limão da região. Dona Dinair, 53 anos de idade, estudou até a 1ª série do Ensino Fundamental de oito anos e é uma das feirantes que exercem suas atividades há mais de três décadas, exercendo seu ofício desde 1991. Ela circula por dentro e por fora do mercadão, conforme a movimentação de pessoas. Uma prática interessante que ela adota é separar os

camarões grandes dos pequenos, vendendo os primeiros com um preço mais elevado, e isso é bastante útil para o seu negócio. Ela é natural da cidade de Curralinho, na Ilha de Marajó, e atualmente reside em São Sebastião da Boa Vista.

Exercer a profissão de feirante requer pré-requisitos básicos, como ter desenvoltura, saber lidar com as dificuldades do dia a dia e demonstrar empatia com as pessoas, principalmente com os fregueses. A feira é uma escola de vida, com seus valores, costumes e tradições. É um espaço de sonhos, lutas, conquistas e derrotas. Indagamos a Dona Dinair se a feira seria um espaço de vida e por quê. Ela nos respondeu, com muita facilidade: “Com certeza. Ao longo dos 33 anos de feira, aprendi muitas coisas, principalmente a lutar pelos meus direitos, a ser respeitada pela profissão que exerço, por criar meus filhos e netos com um trabalho digno” (informação verbal)³.

Outro entrevistado, que nos recebeu muito bem em seu ambiente de trabalho, foi Seu Joaquim Rosa Pereira, boa-vistense, 70 anos de idade. Estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental de oito anos e atua na venda de peixe há 20 anos. É um dos peixeiros mais respeitados da feira, pela idade e simpatia. Seu Joaquim costumeiramente compra seu produto no porto da cidade. Geralmente, os produtos vêm armazenados em geleiras, ou seja, câmaras frigoríficas, das cidades de Belém, Monte Alegre e Santarém. Ele vende pescada de água doce, curimatã, pacu, mapará, pescada e tucunaré.

Os entrevistados elucidaram a importância que a feira livre representa em suas vidas e na de seus familiares. Eles próprios expressam que “com o freguês, é preciso ser honesto, sincero e garantir um bom atendimento” (informação verbal)⁴. Vedana (2013, p. 43) argumenta que nesses espaços há uma necessidade de “[...] relação com o outro, seja o freguês, o colega, os fornecedores, etc. Ou seja, depende dos laços que são tecidos e reafirmados a cada dia de feira”.

Em setembro de 2024, entrevistamos o terceiro feirante, o senhor Ênio Tavares Barreto. Seu Ênio é boa-vistense, um dos feirantes mais antigos. Exerce sua atividade há 30 anos e sempre comercializou os mesmos produtos – verduras e legumes. Com 52 anos de idade, informou que concluiu o Ensino Médio. Ele relatou a importância do trabalho na feira, a seriedade que ela representa em sua vida e na de seus familiares. Questionado sobre o que a feira representa em sua vida, respondeu: “é o meu meio de trabalho, o meio que Deus me deu para poder adquirir a parte financeira e sustentar a minha família” (informação verbal)⁵.

Os feirantes têm consciência da importância de uma boa relação com seus fregueses de longa data ou com as pessoas que esporadicamente procuram comprar algum produto para o seu consumo. Nossos interlocutores – feirantes – expressaram suas experiências e responsabilidades, acima de tudo a honestidade, ao pesar seus produtos. Não basta somente vender a mercadoria, é preciso ser humano, técnico e responsável, para não se indispor com os fregueses.

Diante dos estudos realizados com os feirantes e o ambiente da feira, inferimos que a feira livre se configura como espaço de produção e circulação de saberes sociais, culturais e práticos, evidenciando potencial para aprendizagens interdisciplinares na escola. Os elementos analisados nos proporcionaram a base necessária para colaborarmos com os professores ribeirinhos na realização de uma oficina pedagógica de quatro dias, que ocorreu no final de outubro e início de novembro de 2024, com o objetivo de analisar as contribuições da feira livre de São Sebastião da Boa Vista para o ensino de Ciências.

Fundamentada na perspectiva interdisciplinar de Pombo (2008) e nas práticas socioculturais de Mendes e Farias (2014), a oficina envolveu estudo exploratório, visita à feira,

³ Entrevista semiestruturada concedida pela feirante Dinair de Sena Paixão, 53 anos, em set. 2024.

⁴ Entrevista semiestruturada concedida pelo feirante Joaquim Rosa Pereira, 70 anos, em 2024.

⁵ Entrevista semiestruturada concedida pelo feirante Ênio Tavares Barreto, 52 anos, em 2024.

diálogo com os feirantes e a elaboração de propostas interdisciplinares, integrando saberes da prática social dos feirantes aos conteúdos escolares dos Anos Iniciais.

A realização da oficina pedagógica evidenciou que os professores ribeirinhos ampliaram sua compreensão acerca da relevância de desenvolver práticas docentes sob uma perspectiva interdisciplinar, especialmente no contexto das turmas multiano dos Anos Iniciais. Os resultados indicam que a proposta formativa favoreceu a reflexão sobre a organização do ensino, contribuindo para o reconhecimento da interdisciplinaridade como estratégia capaz de integrar conteúdos, otimizar o trabalho pedagógico e responder às especificidades do contexto escolar ribeirinho amazônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos desenvolvidos, podemos considerar que a feira livre se configura como um relevante espaço formativo, no qual os saberes construídos na experiência cotidiana dos feirantes revelam expressivo potencial educativo. O reconhecimento e a valorização desses conhecimentos ampliam as possibilidades de articulação entre saberes da prática social e conteúdos escolares, especialmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Nesse contexto, destacam-se as práticas pedagógicas interdisciplinares desenvolvidas por professores ribeirinhos, que, ao integrarem elementos do cotidiano comunitário ao planejamento didático, promovem aprendizagens contextualizadas e socialmente significativas. Assim, o estudo reafirma a necessidade de práticas pedagógicas que façam dialogar escola e comunidade, fortalecendo uma formação crítica, democrática, cidadã, integrada e comprometida com a realidade sociocultural dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- FARIAS, Carlos Aldemir; ALVES, Edivania Santos. **Feiras livres de Belém: abordagens históricas e socioculturais para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2022.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal na pedagogia social. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, São Paulo. **Proceedings online** [...]. São Paulo, SP: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- MENDES, Iran Abreu; FARIAS, Carlos Aldemir (Org.). **Práticas Socioculturais e Educação Matemática**. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2014 (Col. Contextos da Ciência).
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.
- PANTOJA, Cristiano Corrêa. **Feira livre e interdisciplinaridade na escola ribeirinha**. 2025. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2025.
- POMBO, Olga. Epistemologia da Interdisciplinaridade. **Revista Ideação: Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste**, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 9-40, 2008.
- VEDANA, Viviane. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 41-68, jan./jun. 2013.